

Intenções de voto de quem perdeu

ELENO MENDONÇA

A São Paulo que amanhece trabalhando surgiu das urnas em meio a uma imensa discussão de como votar no segundo turno das eleições presidenciais. Alguns já constataavam desde logo que os votos de Paulo Maluf e Guilherme Afif Domingos, sem chance alguma, seriam desviados para Fernanco Collor de Melo, assim como aquele voto útil dado a Mário Covas. Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, enfrenta forte rejeição e o nome de Leonel Brizola é pouco lembrado pelos paulistanos no caso de conseguir a segunda vaga.

Iolanda Vieira de Andrade, fiscal da Zona Azul, no Centro, mora na Ponte Rasa, na Zona Leste da cidade, tem três filhos e votou em Paulo Maluf. Para o dia 17 de dezembro, no segundo turno, diz que pretende apoiar Fernando Collor. Segundo Iolanda, Lula é "meio comunista" e por isso não votaria nele. Outro que

prefere Collor é o consultor imobiliário Paulo Rodrigues, de 33 anos. "Votei no Afif e não posso escolher o Lula agora, porque sou a favor da iniciativa privada", justificou.

José Francisco da Silva, malufista convicto, afirmou que se Lula confirmar a vaga terá seu voto: "Infelizmente meu candidato perdeu e agora ficarei com o PT. Me identifiquei mais com ele, que é ligado ao povo".

Lula deverá ter assegurados também os votos concedidos no primeiro turno aos candidatos declaradamente de esquerda como Roberto Freire. A administradora de empresas Eliana Costa Pinho, de 36 anos, para desespero da vizinhança do bairro do Itaim, onde mora, votou no comunista. "Moro num reduto do Maluf e do Afif que preferiu votar no Covas para fazer voto útil", disse. "No segundo turno voto no Lula." Para ela, tanto Lula como Collor têm posições radicais. "É preciso

reconhecer que não apenas o comunismo está sofrendo transformações no mundo", ressaltou. "Os Estados Unidos também têm seus problemas, e Collor equivale a um Hitler. Não podemos escolher um homem com esse perfil em pleno ano 2000."

Alguns eleitores de Covas, como o dentista Ramos Nosaiki, que mora no Brooklin, deverão optar por Collor "por pura rejeição ao radicalismo petista". É esta a opinião do ladrilheiro Edilson Santos Silva, que deixou a Bahia aos dez anos em busca do sul maravilhoso. "Lula não faz o meu gênero, preferia até o Brizola, que tem mais experiência", afirmou. Maria José Kretcheff, que mora em São Bernardo do Campo e votou em Brizola, descarta a hipótese do apoio a Lula. "Apesar de morar num reduto lulista, sou anti-PT por causa do que Luíza Erundina está fazendo em São Paulo", argumentou.

Aparecida Rosa Afonso, de 26 anos, é ajudante de cozinha e todos os dias deixa bem cedo a Cidade Dutra para tra-

balhar nas proximidades da Avenida Brigadeiro Faria Lima. "Votei no Covas, pois ele era o melhor, assim como vou fazer com o Collor." Ela confessa desconhecer completamente o programa de governo dos candidatos. "Acho que vou procurar me informar melhor e posso, quem sabe, até mudar o voto", acautelou-se. "Se Lula ganhar estamos roubados", previu Ângelo Bianchini, morador da Vila Ipojuca.

Reginaldo Batista, da Vila Penteado, votou em Covas e pretende manter-se fiel ao candidato: "Se ele não ganhar, não voto em mais ninguém". Alguns preferem anular o voto, repetindo o que fizeram no dia 15. É o caso da estudante Cristina Caporicci de Pirituba. "Nenhum irá solucionar os problemas do País", lamentou. "Votei no Lula e votarei de novo", bateu no peito o motorista Benedito Barros dos Santos, de 59 anos, que nasceu em Alagoas e está convencido de que Collor não fez nada pelo interior no seu Estado: "Continua a mesma pobreza".